

UM ENCONTRO COM A BURGUESIA NACIONAL ENTREVISTA COM FERNANDO GASPARIAN

An Encounter with the National Bourgeoisie Interview with Fernando Gasparian

Renato **BASTOS** (Historiador, Advogado e Mestre em História Econômica com a dissertação A Burguesia Perdida - Empresariado Industrial e Desenvolvimento Econômico (1960 – 1974), Brasil)



Sem
Arte: Ciro Saurius – Linoleogravura

Quando o telefone tocou, atendeu do outro lado da linha uma simpática senhora. Ao ouvir o meu pedido de entrevista com o Sr. Gasparian, solicitou-me um segundo de espera. Quando volta uma voz ao telefone, era o próprio que comigo falava. Recobrado do susto, o encontro com a burguesia nacional estava marcado. E foi assim que, no quinto dia de abril de 2006, o jovem estudante que preparava uma dissertação de mestrado sobre o empresariado brasileiro conseguiu conversar com um dos empresários mais importantes do pré-64. Industrial, líder estudantil, líder empresarial, Deputado Constituinte, professor e editor. Fernando Gasparian é daquelas personagens de muitas faces. De presidente da UEE-SP, o jovem engenheiro assume o comando do complexo industrial da família e o expande, além de ser presidente do sindicato da indústria têxtil de São Paulo, diretor da FIESP e interventor na CNI. Se envolve com a pauta nacionalista e com governo Jango, ocupando lugar no Conselho Nacional de Economia e quase vira ministro. Sobrevivendo o golpe militar, é forçado a se desfazer das empresas e exilar-se em Londres, onde vira professor universitário. De volta ao Brasil, troca a indústria pelos jornais e livros, tornando-se editor do famoso jornal Opinião, nobre trincheira de resistência ao regime militar. A trajetória de Gasparian, personagem com posição privilegiada, conta parte importante do período republicano brasileiro. A entrevista foi concedida no escritório da Editora Paz e Terra, sua última empreitada empresarial, em meio a uma mesa de trabalho um tanto quanto desordenada, fazendo por vezes metáfora do labirinto das memórias de um senhor de 76 anos. Treze anos depois de gravada, a presente entrevista inédita – possivelmente a última concedida por Gasparian, pois o mesmo veio a falecer meses depois – abandona a gaveta e vem à luz pelas páginas da Mouro.

Renato Bastos: Queria, em primeiro lugar, Sr. Fernando, que falasse um pouco sobre a sua trajetória pessoal.

Fernando Gasparian: Eu sou muito representativo do empresário daquela época, porque eu tinha sido, antes de me formar, Presidente da UEE-SP (União Estadual dos Estudantes de São Paulo).

Renato Bastos: Quando o senhor dirigiu a UEE-SP?

Fernando Gasparian: 1952. E, depois de mim, foi eleito o Almino Afonso. Meu sucessor ganhou do José Gregori, que foi ministro do Fernando Henrique. Éramos todos amigos. O Almino se elegeu presidente depois que eu e, no congresso da UNE, nós brigamos lá também, porque a direita tinha tomado conta lá, colocaram a polícia especial, o cara da polícia especial estava lá pra quebrar o pau com todo mundo e tal, enfim, essas coisas externas tumultuaram muito a vida da gente. Mas eu saí, me formei e fui trabalhar na indústria da minha família e passei a fazer política na área empresarial. Então eu fiquei diretor da FIESP, fiquei presidente do sindicato das indústrias têxteis, que era o maior sindicato patronal do Brasil na época, e consegui com dificuldade não fazer muitos contatos muito de direta. Infelizmente naquela época começou a haver na política nacional um acirramento bastante forte contra o governo João Goulart. Eu, então, com uma dificuldade consegui ficar fora do IPES/IBAD, esse negócio todo, porque a maior parte dos empresários era a favor, negociaram isso, e apareceram algumas figuras profissionalmente ligadas à direita que se meteram na FIESP, por exemplo, então tinha lá um dinamarquês que vinha colaborar com [inteligível] no tempo da ocupação na [inteligível] da Dinamarca, ele trabalhava na Firestone e veio para o Brasil e aí se meteu na FIESP. Começou a criticar a posição do velho Zé Ermírio e eu, porque no fundo a gente estava...o velho Zé Ermírio ficou senador, eu ajudei ele a se eleger senador, o apresentei ao Arraes, que foi candidato ao governo de Pernambuco e o velho Zé Ermírio foi candidato a Senador – e então

na campanha na fábrica, os filhos ficaram contra e o IBAD funcionando, financiando o candidato contra o velho Zé Ermírio, que ficou muito marcado aqui em São Paulo pelo pessoal do [inteligível]... eu sei porque naquela época eu fiz no sindicato têxtil pra apoiar o velho Zé Ermírio o prêmio Homem Têxtil do Ano. Encheu de gente, todo mundo tinha negócios com o velho pra comprar cimento e não sei o quê, por interesse foi muita gente, mas a coisa tava fria porque o pessoal não estava satisfeito com ele, porque ele era ministro do Jango e o PTB tinha sido eleito junto com o Arraes.

Renato Bastos: A sua família já era dona da América Fabril?

Fernando Gasparian: Não. A América Fabril era uma empresa que tinha no Rio e eu comprei uma parte das ações nessa época, em 64. Eu assumi a América Fabril uns dias depois do comício do dia 13. Foi uma época muito terrível, porque o pessoal ficou hostilizando, o pessoal da direita, os empresários, eu perdi a liderança. Eu estava liderando bem o pessoal até aquela altura, dirigindo bem o sindicato dos têxteis, comprei uma boa sede que funciona na Marquês de Itu, onde esse rapaz ficou presidente da FIESP agora, o Skaf, ele usou aquilo como uma máquina do sindicato, um sindicato rico, com uma boa casa, uma boa sede. E esse rapaz que é filho do vice-presidente da república, do José Alencar, é o presidente agora do sindicato. Fizeram um conselho e eu tenho ido lá em algumas reuniões ver, mas o pessoal é novo, o Velho José Alencar mesmo, tem muita gente contra ele, porque ele é Vice-Presidente da República do Lula. Só que ele entrou no partido do Bispo Macedo, enfim.

Renato Bastos: Era um conglomerado? Além da América Fabril, o senhor tinha quais outras?

Fernando Gasparian: As indústrias da família aqui em São Paulo, Sorocaba, Mogi, Campinas...

Renato Bastos: Tudo na área têxtil?

Fernando Gasparian: Tudo na área têxtil. E começamos a fazer alguma coisa na área de alimentação. Tínhamos uma fábrica de leite em pó em Varginha, Minas Gerais, que, aliás, ali era uma região muito reacionária, começaram a fazer um boato que o José Aparecido, que tinha sido secretário do Magalhães Pinto, só que ele era mais pra esquerda. Eu levei ele lá na eleição dele para ajudar a arrumar votos, aí o pessoal da região, os fazendeiros foram contra e tal, e aí invadiram, o exército de Três Corações invadiu a fábrica dizendo que eu organizava guerrilha. É cada uma! Uma época difícil!

Renato Bastos: Eu li numa entrevista sua para a Revista Caros Amigos, para a Marina Amaral, na qual fala que o senhor foi obrigado a se desfazer. O governo militar entrevistou nas indústrias?

Fernando Gasparian: o que aconteceu foi o seguinte: na época, baixaram uma portaria do Banco do Brasil, que eles não operavam com quem fosse cassado, que fosse atingido pelo AI-5, o Aparecido, já falecido, que tinha sido cassado, os amigos puseram ele em uma empresa pra ele ganhar algum dinheiro e tal, aí cortaram o crédito da firma e ele precisou sair. E eu, então na América Fabril, passei a passar dificuldades grandes para tocar depois que eu assumi por causa que o Banco do Brasil pegou e chegou a certa altura e ia me cortar o crédito, então eu sai da diretoria e fui embora. Tinha um sujeito que me tomava um dinheiro de vez em quando – era um picareta – que vivia junto com os militares lá no Rio. Ele me dizia que numa conversa lá que eles tinham tido com o Siseno Sarmento, que era o chefe do exército lá no Rio, que eles

iam me prender, porque até então não tinham me prendido, porque achavam que ia dar confusão, eu tinha 10 mil empregados na [inteligível], ia ser ruim, impopular e tal... E aí, como cortaram o crédito da empresa, eu estava na empresa e resolvi sair. Convoquei uma assembleia para sair, para ir embora para a Inglaterra, como eu fui. Fique lá três anos. Aí esse rapaz falou: - Eu ouvi uma conversa lá com o Siseno... - Porque cada um prendia o seu inimigo àquela altura, na época do AI-5.

Renato Bastos: E provavelmente os próprios empresários ajudavam a denunciar...

Fernando Gasparian: E o sindicato operário também... tinham derrubado o Edson Correia que era do PC, que era presidente do sindicato dos têxteis aqui do Rio, dos operários... os caras que entrevistaram lá, que foram colocados pelos militares, ficaram contra mim pra fazer algum proselitismo, porque eu comecei a atrasar um pouco a folha de pagamento porque apertaram o crédito e não tinha como trabalhar normalmente, então, eu saí. Aí esse rapaz me falou que tinham comentado lá que o general (esqueço o nome, passou tanto tempo) tinha proposto. Aí eles resolveram que só prendiam quando todos ali que faziam parte do conselho que tinha no Rio, tinha aquele grupo formando um conselho, tipo tomando conta da situação política do Rio, era o general Siseno Sarmento. Aí um general lá tinha proposto que prendessem eu e o Nicomário, que era outro empresário têxtil e meu amigo, aí o general, que era chefe de Deodoro [quartel], tinha o escritório lá em frente a minha fábrica lá em Deodoro que fazia parte da América Fabril. Ele pegou e falou: - Espera um pouco, eu conheço esse rapaz, esse rapaz é comunista nada, ele é nacionalista. - Eu tinha mostrado a fábrica pra ele, conversado com ele sobre a política do Roberto Campos que era um desastre... e porque ele interveio, não me prenderam. Mas quando eu soube isso, que estavam com essa decisão e como para o Banco do Brasil quem era cassado, eu não fui cassado, aliás fui aplicado ao AI-5, porque era diretor do sindicato têxtil do Rio, então me destituíram do cargo que eu tinha na Federação das Indústrias do Rio de Janeiro, fizeram isso com muitos, sindicatos operários e sindicato patronal fizeram isso só comigo lá no Rio de Janeiro. E como fui atingido pelo AI-5, o Banco do Brasil não podia operar mais comigo, então eu precisei sair, senão eu morria, porque já não tinha a simpatia dos banqueiros, ainda mais com a decisão do Banco do Brasil. Então eu peguei e saí da diretoria, depois colocaram um pessoal ligado ao Lacerda, para eu sair sem a firma quebrar, foi isso.

Renato Bastos: E ela acabou sendo estatizada?

Fernando Gasparian: Não. Aí chegou a certa altura que puseram um cara lá que era ligado ao Banco Central na administração para me hostilizar, para o Banco do Brasil operar com a empresa... aí chegou certo momento que disseram que a empresa ia ficar ótima e eu ia ficar rico e ia ficar bom porque eu não votava, aí resolveram fazer eu vender as ações, então eu vendi as ações da empresa por 1 real pra COPERJ, Companhia do Estado do Rio de Janeiro, aí eles acabaram vendendo essas ações para uma fábrica de um cara chamado Botello [Ivan Muller Botello], ele acabou comprando do banco.

Renato Bastos: Ele acabou comprando em 1981.

Fernando Gasparian: É, ficou muito tempo na mão da COPERJ.

Renato Bastos: Depois de se afastar da empresa, o senhor virou professor da Universidade de Oxford?

Fernando Gasparian: Sim. Economia da América Latina. Eu tenho um livro publicado.¹ Eu defendia a tese que com o preço da reserva em alta, devia usar isso para comprar todas as ações dessas empresas estrangeiras. Naquele tempo o Brasil tinha dinheiro para comprar tudo de volta, agora não tem mais por que desnacionalizou muito.

Renato Bastos: O senhor tinha escrito antes, em 1966, o *Em defesa da economia nacional*.

Fernando Gasparian: Isso mesmo. Porque eu fui posto no Conselho Nacional de Economia, que era um órgão de alto nível, em que as pessoas que eram membros do conselho tinham o status e o salário iguais a de ministro, que passava pelo Senado para poder ser membro do conselho. Então, o João Goulart e o Darcy Ribeiro, esse pessoal, me convidou e me indicou para assumir o conselho. Eu passei na reunião do conselho por 24 a 21 votos, porque o pessoal da direita tinha Filinto Muller e tal - e o velho Zé Ermírio era Senador, começou a me defender, ficou pior ainda -, então quase que eu caio, mas não caí. E foi no plenário e passou. Enfim, foi aprovado e tomei posse no fim de dezembro de 1963. Quando houve o Golpe de 64, como era conhecido como um líder empresarial, assim, muito nacionalista, o pessoal não teve coragem de me cassar. Cassaram os deles que indicaram, mas bem mais tarde. Em 64, queriam cassar o velho Zé Ermírio e eu, mas não tiveram coragem porque a gente tinha um... éramos empresários... como é que é? Você vai pegar líderes da classe? Mas no conselho cassaram o José Joffily, ex-senador da Paraíba, e acabaram os mandatos de dois lá e aí nomearam o pessoal do IPES. Então nomearam o Haroldo Collor,² que era o chefe do IPES no Rio - era o patrão do Golbery, ele é que dava dinheiro para o Golbery ficar trabalhando no IPES - que era o órgão mais sofisticado. E o pesado era o IBAD, que comprava deputado e tal, fazia atentados... o IPES tinha um pessoal mais intelectualizado. E no sindicato têxtil, que eu era presidente, a pressão para eu entrar e contribuir para o IPES foi grande e eu consegui levar a coisa. Na verdade, a divisão dentro da FIESP começou a ficar muito grande, porque começou a caracterizar muito a luta contra o comunismo. Os filhos do Zé Ermírio, o Jeferson que morreu, que era vice-presidente do sindicato dos têxteis... quem representava o sindicato têxtil na FIESP era eu, ele e mais um outro... então ele era meu companheiro no sindicato, ele me apoiava e o velho Zé Ermírio também, mas aí como eu o apresentei para o Arraes, para ser Senador, eles ficaram revoltados.

É tanto que hoje em dia que quero propor que fizessem uma biografia boa do velho Zé Ermírio, os filhos não topam. Eles querem esconder a fase esquerdista, trabalhista do Velho. E o Velho era uma figura, o Velho era um cara forte, bom...

Renato Bastos: Isso tudo...o senhor tinha na época 35, 40 anos?

Fernando Gasparian: 32 anos. E aí o Jango queria me colocar de Ministro... Indústria e Comércio. Quando caiu o ministério do Tancredo, ele acabou se descompatibilizando, todo mundo pediu demissão, e ele então propôs, o Jango, o Santiago Dantas para primeiro-ministro. Mas o Santiago era um sujeito bem estranho, ele jogava com todos os lados, aí quando o Jango percebeu isso, ele mandou o PTB votar contra. O Almino Afonso é que sabe bem essas coisas. O Almino era o líder do PTB na Câmara, então ele conduziu e derrotaram o tal do Santiago, e aí que me convidaram para ser Ministro da Indústria e do Comércio. Aí o Jango indicou o Auro de Moura Andrade, esse era um canalha. Você viu agora a entrevista que o Almino deu,

¹. GASPARIAN, Fernando. Capital Estrangeiro e Desenvolvimento da América Latina. Os mitos e os fatos. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1973.

². Provavelmente, a referência correta é ao empresário Haroldo Cecil Poland.

contando essas coisas? O Tancredo ficou chamando de canalha... quando ele declara vaga a Presidência da República. O Tancredo ficou canalha... canalha... porque o Tancredo era um sujeito firme também. Enfim, o Jango me indicou e combinou com o Auro, para eu ser do ministério com o Auro e botou o Almirante Suzano ser Ministro da Marinha e eu Indústria e Comércio. Ele não me conhecia praticamente, conhecia de jornal pelas declarações que eu dava. Então o Jango combinou com o Auro o ministério que ele ia fazer. Aí quando o Auro foi conversar com o pessoal do PSD, da UDN, que apoiavam ele, que tinha combinado o ministério, aí o pessoal falou não, você não vai fazer isso não. Ele foi aprovado pelo Congresso como primeiro-ministro, mas aí ele resolveu renunciar, porque ele foi falar com o Jango para mudar o ministério. Jango deixou ele lá esperando um tempão e o Jango também pediu dele uma carta de renúncia pra poder indicar ele, porque conhecia a figura, e quando chegou o momento que ele queria trair e não nomear o ministério que tinha combinado, o Jango ligou pro Almino e o Almino leu a carta de renúncia e foi uma surpresa... e aí ligaram pro Auro, aí estava ocupado o telefone porque ele estava esperando pra falar com o Jango e o Jango deixou ele esperando no telefone e tinha uma linha só.

Renato Bastos: Ele deixou pronta uma carta de renúncia para o Jango?

Fernando Gasparian: Assinou antes, antes de indicar. Aí ele mandou o Almino ler e o pessoal não sabia dessa carta. Aí todo mundo ligando, telefonando e não conseguiam. Aí foram de carro lá para a casa dele e conseguiram falar. Aí ele teve um [inteligível]... ficou dias de cama. O Jango desmoralizou esse pessoal... uma jogada pesada.

Renato Bastos: O senhor tinha um contato com João Goulart?

Fernando Gasparian: Tive, principalmente depois que ele caiu. Fui diversas vezes com ele em Punta Del Leste. Aqui eu tenho uma fotografia com ele na chácara dele em Maldonado.

Renato Bastos: O senhor se define como?

Fernando Gasparian: Um nacionalista. Isso que é importante no Brasil. Esquerda, direita, socialismo... tudo isso é remoto. Você mexe mesmo é se tiver um governo nacionalista no Brasil. Mas a palavra está ruim, marcada como coisa negativa.

Renato Bastos: Ali, naquele momento, existia um projeto nacional?

Fernando Gasparian: Tinha, quer dizer, não era articulado porque os partidos eram uma droga... PTB era um partido mal dirigido e o pessoal do PC do B [PCB] eram [inteligível]. É que nem agora... Você pega o movimento estudantil, não tem força nenhuma, se você convoca uma greve geral você não para nenhum.

Fernando Gasparian: Com o Jango aconteceu isso, os operários convocaram a greve geral e não parou ninguém, porque ficava uma liderança fajuta conversando com ele, botando o dedo na cara do Jango e não deixava ele prender os caras, Paulo Egídio... e quando chegou na hora H, todo mundo aderiu.

Renato Bastos: Só completando a sua trajetória, depois o senhor funda o Opinião?

Fernando Gasparian: Quando eu voltei, formei o Opinião. O pessoal pensava: você tem algum esquema com os militares? Não tenho esquema nenhum. O pessoal dizia que não tinha censura, bom... Aí veio a censura logo no oitavo número. E aí começaram, fui preso duas vezes, mas eles não foram muito violentos comigo não. Mas, começaram a cortar anúncios. A Petrobrás colocou anúncio, eu fiz a campanha do petróleo desde o começo. Jango me convidou

para ser presidente da Petrobrás, mas acontece que aí o movimento estudantil e o movimento sindical, PC do B [PCB] não, tinha um rapaz que era a favor, mas o pessoal do sindicalismo da Bahia ficou contra porque no fundo dizia que amarra a companhia. Mario Alves, sei que eles ficaram putos e acabaram nomeando o general ladrão que até o Jango quando começou a aparecer escândalo lá, ainda na presidência, ele me nomeou para uma comissão de inquérito para estudar a Petrobrás, e nomeou também o Hélio de Almeida, que tinha sido presidente da UNE e era empresário como eu, depois foi deputado, nomeou também o Jesus Soares Pereira que é uma grande figura, é um homem que fez a Petrobrás, fez a mando do Getúlio, foi um grande momento para o Brasil. Acontece que depois eu fiz a editora.

Renato Bastos: Aí o senhor migrou no mercado editorial?

Fernando Gasparian: Nem jornal dá, o máximo que dá é editar uns livros importantes. Hoje em dia, ninguém está interessado, a mocidade não está interessada. Quando eu fiz o Opinião tinha gente que comprava, era uma forma de lutar contra a ditadura, agora não tem ditadura para unir as pessoas.

Renato Bastos: O mercado editorial brasileiro vai de mal a pior...

Fernando Gasparian: Mas, na área empresarial, quem é que falou? Se caísse um avião com o Zé Ermírio e eu acabava com a burguesia nacional. É verdade, meu... detalhe... burguesia e tal... o ISEB com essa conversa... não tinha nada. **Renato Bastos: A disputa dentro do Sindicato era muito ruim para o senhor e para o Zé Ermírio, tanto na CNI, o senhor chegou à presidência da CNI? Fernando Gasparian:** Nomeado pelo Montoro, que ficou Ministro do Trabalho. No Ministério que sucedeu ao Tancredo. A CNI estava com uma roubalheira lá, tradicional, como eu era presidente do maior sindicato patronal do Brasil, ele pegou e me nomeou. Eu fui lá, mandei embora 1.800 pessoas que só iam lá buscar o dinheiro no dia do pagamento, porque senão nem iam lá. Aí mexi com gente ruim, arrumei um monte de inimigos e tudo que era amante de general botavam lá. Então eu fiz essa limpeza e fiquei a favor do 13º salário que estava no congresso, que geralmente a CNI ficava contra tudo que era bom, então ficou favorável, passou. O Almino estava na Câmara, então eu fiquei na CNI, o Almino na Câmara e tínhamos condições para se articular, mas, enfim, houve o Golpe de 64 e perdi o apoio. Mas o velho Zé Ermírio era um velho bravo, ele pra fazer a Alumínio... [inteligível] juntos... Ele mandava no BNDES, ele precisou pedir um financiamento para o BNDES, que com o dinheiro dele só não estava conseguindo fazer, estava devendo pra agiota, pra tudo. Os banqueiros contra ele, achavam que ele estava pela esquerda lá em Pernambuco ajudando os comunistas e tal... Pessoa de Queirós que era de família tradicional. O jornal forte de lá era o Jornal do Comércio, que era do Pessoa de Queirós, que foi candidato a Senador também, eram duas vagas naquele ano e ele foi candidato também pelo PTB, era um partido forte lá pra poder se eleger e se elegeu, mas, no jornal dele, ele não falava do Zé Ermírio. Então ele falou comigo e eu fiquei ajudando ele, então eu falei: - Vamos fazer o seguinte: vou falar com Samuel Wainer para abrir o Última Hora lá... ele tinha uma rotativa... alguém tinha pago ele, alguma empresa que tinha algum crédito... ele deu a rotativa lá e o jornal saiu e foi a campanha do Arraes e do velho Zé Ermírio [inteligível]

Renato Bastos: Como o senhor vê esse período? Do segundo governo do Getúlio até o Golpe Militar.

Fernando Gasparian: Foi um governo muito tumultuado.

Renato Bastos: Essa relação entre a burguesia e Estado sempre foi complicada. É ainda hoje e na época era mais ainda.

Fernando Gasparian: É complicada porque o Estado é dominado de certa forma pela burguesia. Deixa eu contar uma coisa que aconteceu, por exemplo, o Jango passou a Lei de Remessa de Lucros e a pressão para o Jango não assinar, vetar, foi fantástica - tinha um sujeito, não sei se você conhece, chamado Jorge Serpa que era muito forte com o Jango e era muito forte com o Juscelino também, e o Serpa, então, queria que o Jango vetasse, o Jango não vetou, mas não assinou. Quando o presidente não assina num certo prazo, o presidente do Senado promulga, ele tem que assinar, ele não pode vetar, então o Auro assinou e aí ficou uma briga para regulamentar. Eu era presidente do sindicato têxtil aqui de São Paulo, a indústria já estava em crise aqui e eu fui falar com o ministro da fazenda que era o Ney Galvão, que era um gaúcho e muito ligado ao Serpa, que mandava nele, não era um Carvalho Pinto que ficou ministro da fazenda e era muito bom, sério, colocou o Banco do Brasil na mão dele, mas, enfim, eu fui falar pro ministro sobre um pessoal que estava quebrando aqui em São Paulo, [inteligível], Crespi, pra ver se arrumava uma ajuda e tal. Converso com o ministro e saio da sala dele. Então ele tinha uma mesa aqui, lá tinha um banheiro famoso e aqui era a porta onde estava a secretária dele, eu saí por aqui e fui pedir para a secretária dele pra usar o telefone pra ligar pra São Paulo pra avisar a minha mulher que eu ia dormir no Rio. Estou lá falando com a minha mulher, veio o oficial de ordens me chamar que o ministro quer falar com o senhor de novo. Me chamou, eu peguei e entrei por aqui, o ministro sentado na cadeira dele, - Pois não, ministro? - aí veio um sujeito do lavabo... rs... que era o Serpa, - Não, rapaz, quem vai falar com você sou eu. - e foi me levando para um sofá que tinha ali, eu fiquei constrangido, o cara era ministro, o tal Ney Galvão. E sentei ali, - não, quero falar com você, aí começou a conversar comigo. O ministro falou: - olha, eu não quero atrapalhar a conversa de vocês e saiu da sala dele...[risos]. Ele escreveu uma carta do Jango para o Kennedy junto com o Lincoln Gordon e escreveram a resposta. As duas cartas quem fez foi o Serpa com o Lincoln Gordon.

Renato Bastos: Ele era uma iminência parda.

Fernando Gasparian: Ah, sim. E até pouco tempo, inclusive, o discurso do Médici quando tomou posse, pegar as pedras que vão construir o muro do futuro, não vamos jogar essa pedra para trás, vamos deixar o passado, ele que escreveu o discurso.

Renato Bastos: Ele passou por todos os governos...

Fernando Gasparian: É, tinha um milico lá, Coronel Manso Neto, que era ligado aos militares que tinham acesso ao Costa e Silva e ele chegou no Manso Neto... A confusão do país é grande, ele agora, parece que saiu num jornal, quem pegou agora o Jorge Serpa pra ajudar foi o dono do banco Oportunitty. Saiu isso na época, nesse jornal [Valor].

Renato Bastos: O que o senhor acha que faltou ou falta para esse projeto nacional vingar, naquela época?

Fernando Gasparian: Um pouco de clareza nos objetivos... o que que é? A revolução? Então todo mundo se posiciona na revolução ou então no nacionalismo? Especificamente um objetivo. Nunca houve. Mais ou menos as pessoas eram progressistas e tal... Hoje você não tem nada que uma, partido ou algum grupo. Não tem grupo!

Renato Bastos: O senhor concorda com a conclusão do livro do FHC³ que não existe essa burguesia nacional?

Fernando Gasparian: Ah, concordo! Existia assim, uma certa inquietação, mas não existia [burguesia nacional]. Você pega o Furlan, um sujeito razoável, ele podia até ser, mas, você vê o caso da família com o velho Zé Ermírio. Você não consegue fazer uma biografia do velho porque tem uma secretária que tá morrendo. Daqui a pouco não vai ter ninguém pra narrar as coisas que aconteceram, não querem se compatibilizar com certas pessoas porque realmente eles ficaram muito mal com a burguesia paulista. Aquela coisa do Velho ser candidato a Senador, o povo ficou achando que ele tinha ficado maluco, foi pra esquerda, foi ministro do Jango. Ele ficou no PTB até morrer.

Renato Bastos: O senhor foi deputado na Constituinte e depois... Fernando Gasparian: Na Constituinte, só. Uma vez só.

Renato Bastos: O senhor acha que tem saída? O senhor continua eleitor do Lula?

Fernando Gasparian: Não. Do Lula não. Pô, ele colocou de Presidente do Banco Central o cara do Banco de Boston... assim não dá, de jeito nenhum... e subindo os juros todo dia.

Renato Bastos: E do futuro, o que o senhor espera?

Fernando Gasparian: Espero que apareça um nacionalista, tipo Itamar...

Renato Bastos: O senhor pensa em escrever um livro de memórias?

Fernando Gasparian: A gente fica falando isso, mas eu não sou organizado. Uma conversa que tive com Jango... o Jango foi deposto em grande parte pelas companhias de energia elétrica, porque quando ele tomou posse, deixaram ele tomar posse. O pessoal da UDN envolveu ele, convenceram de que ele tinha que ir lá falar com o Kennedy. Interessante, porque ele ficou sendo chamado de João Bom Senso. O Jango foi para lá para ter a conversa com o Kennedy e convenceram ele que devia adquirir [as companhias de serviço público]. Os pontos de atrito que haviam na época eram as companhias de energia elétrica, companhias de serviço público, todas estavam amarradas na tarifa. Não podia subir o preço de energia elétrica, a não ser, de acordo com o contrato inicial, que o governo aprovasse. Então, a cláusula ouro que existia, subir junto com o valor do ouro. Então o que acontece é o seguinte: em 34, o Carvalho Pinto aqui em São Paulo e um monte de deputados começaram a discutir a cláusula ouro, que tinha que revogar, então fizeram o código de águas. Foi uma lei para regular a concessão de água e hidrelétrica que foi feita pelo Juarez Távora, era um nacionalista. Ele fez o código de águas e deixou os gringos loucos, a Light.

Eu era presidente da UEE e fiz um debate, devido ao racionamento de energia elétrica aqui, porque a Light desde 1914 não colocava um centavo no Brasil e só ficava pegando dinheiro do BNDE e ficava pegando lucro. Ela não estava aguentando o fornecimento do Brasil e estava faltando energia. Então a Light pegou e pediu um financiamento no Banco Mundial e cada país tinha uma cota. Só que em vez dessa cota ir para o Brasil, ia para a Light! Um patriota qualquer, um comunista qualquer na Câmara, que tinha que aprovar – e não o BNDE. BNDE hoje aprova tudo, né? – fez uma proposta dizendo que devia fazer esse empréstimo pro Brasil ficar sócio da Light, assim quando a Light quisesse dinheiro, podia a light ficar pro Brasil. Foram lá na

³. CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário Industrial e desenvolvimento econômico. São Paulo: Difel, 1964.

Folha de São Paulo metendo o pau que a Câmara não aprovava, começaram a pressionar para aprovarem logo e nessa discussão ficou-se sabendo que tinha que mudar o Código de Águas. O Código de Águas foi para o Congresso – os debates na Comissão de Constituição e Justiça, o Juarez me falou no carro, quando fui buscar ele no aeroporto. Acontece que no Brasil, o que atrapalha é que tem brasileiros corruptos. Eles ficam trabalhando para os estrangeiros e querem dinheiro. No fundo são moralistas. Ele contou o seguinte: quando ele era Tenente, em 34, ele mandou esse Código de Águas para o Congresso e a Comissão de Constituição e Justiça que tinha que dar o parecer – quem presidia era o Zé Américo, um paraibano que era contra o Juarez. Então o Juarez falou, vamos aprovar aqui porque os membros da Comissão são o Barbosa Lima – pernambucano, que vai votar com a gente, eu [Juarez Távora], o Pereira Lyra – um jovem paraibano que se elegeu – e o outro, me esqueço o nome. Nós temos 4 votos, vamos ganhar de 4 a 3, porque os outros 3 são advogados da Light. Todo mundo para ganhar era advogado da Light. Naquela época, em São Paulo, os governadores eram todos – para mostrar que eram distintas pessoas, sócios da Light –, Campos Salles, Júlio Prestes... Vai ser 4 a 3! Houve a votação e foi 4 a 3 contra nós, porque o Zé Américo falou que, a partir desse dia, o Pereira Lyra passou a ser advogado da Light, era um deputado novo, paraibano, foi chefe da Casa Civil do Dutra e o filho dele foi Presidente do Banco Central a pouco tempo. Ele falou: - eu peguei, precisei botar farda do exército e fui na Câmara ameaçando todo mundo, porque ele era o Rei do Nordeste. Aprovou, ficou aprovado. Aconteceu, então, que a Light não trouxe mais dinheiro para o Brasil e, para resolver os problemas que tinha, o governo avalizou esse empréstimo, esse dinheiro emprestado que foi passado pra Light, aliás para a [inteligível], acionista da Light, e funcionava no Canadá, não tinha sede no Brasil, pela lei não podia aprovar porque só pode aprovar para empresas brasileiras, que tenham sede aqui. Aprovaram na marra e foi entregue. E o BNDE que ficava emprestando todo dinheiro que a Light precisava, até que o Roberto Campos, Celso Furtado e outros caras da diretoria do BNDE resolveram o seguinte: não, agora não vamos mais emprestar dinheiro para a Light. Quando a Light quiser dinheiro, vai vender ações para nós e vamos ficar donos da Light um dia. Quando chegou em 64, o BNDE já tinha 48%, quase a maioria da Light por botar dinheiro. Enquadraram eles, em 64, Ayrton Torres, Roberto Campos, Aroldo Costa, foram todos nomeados para o BNDE e eles aprovaram um aumento de capital e antes foi aprovado a correção monetária. No fim, eles deram um aumento de capital com o dinheiro do BNDE e, quando deram a correção monetária, a Light já tinha maioria da diretoria, pois ficou muito mais caro para o governo.

Renato Bastos: Quando começou tudo isso, esse erro todo do Brasil?

Fernando Gasparian: Começou no tempo do Martim Francisco, que foi Ministro da Fazenda do tempo do D. Pedro I, quando fez a independência assumiu a dívida de Portugal, com os banqueiros e todo mundo, e continuam tomando dinheiro.

Renato Bastos: O senhor devia escrever um livro, nós temos que contar essa história...

Fernando Gasparian: Mas, então, o João Goulart se comprometeu a comprar a “Amforp - American & Foreign Power Company”. O Jango, para acalmar os americanos, inventaram e ele aceitou isso: conta fixa que existe hoje em dia são companhias de serviço público no Brasil que a gente não mede tarifa, extingue a concessão... É a solução do [Albert O.] Hirschman – conhece esse americano? [não] Tem um livrinho que ele publicou “*Como desinvestir na América Latina e porque*”.⁴ Tem que desinvestir, tem que vender tudo porque não tem jeito.

⁴. HIRSCHMAN, Albert O. “How to Divest in Latin America, and Why”. Princeton Essays in International Finance, november, 1971.

Politicamente não tem como resolver, então tem que desinvestir, tem que vender as companhias e em todos os países da América Latina venderam. Venderam telefone, venderam gás. Venderam para o Estado. Aqui no Brasil também resolveram fazer a mesma coisa. O Jango não queria fazer isso. Ele queria comprar a Amforp. Amforp era a American & Foreign Power Company, dona da Companhia Paulista de Força e Luz, dona de fábrica em Belo Horizonte e em Pernambuco. Ferro Velho Fantástico! 150 milhões de dólares. O Jango se comprometeu a comprar. O Jango voltou pra cá e o Kennedy ficou todo satisfeito. O Jango voltou para cá e fizeram uma CPI – quem foi dessa CPI foi tudo cassado, vale a pena ver quem foi dessa CPI, a CPI da compra da AMFORP (American & Foreign Power Company). O General Kruel foi lá depor, foi uma zorra e o pessoal não queria aprovar e não aprovou. Então, o Kennedy mandou o Bob Kennedy, que veio aqui em Brasília cobrar do Jango, mas não funcionou, porque o pessoal foi apertando ele.

Renato Bastos: O Rockefeller também andou.

Fernando Gasparian: Sei que todo mundo fazendo campanha, em cima do governo, e o Santiago Dantas também nessa. Ele prometeu também que ia comprar e no fim acabou caindo de ministro por causa disso. Prometeu por contra própria e não pode cumprir, acabou caindo e entrou o Carvalho Pinto. E o que ele fez: chamou o Bob e disse: essa compra, a gente pode comprar, mas por 150, não. Mandei verificar, 70 milhões eu fecho. Foi o maior quebra pau, ficaram furiosos com ele e, no fim, derrubaram o Carvalho e nomearam o tal do Ney Galvão. Aí morreu o João XXIII, agosto de 63. O Kennedy foi porque era católico e o Jango foi no enterro também. Quem me contou isso foi o Ryff, homem de imprensa dele, amigo dele e meu amigo também. Nessa conversa que teve lá na embaixada americana, ele foi conversar com o Kennedy e falou: - olha presidente, o senhor não me pediu nada, mas eu prometi que ia comprar aquela companhia, agora o senhor está me mandando recados. Eu quero dizer ao senhor que eu não tenho condições de cumprir aquela minha promessa. Quero retirar porque não é bom para o meu país e porque não tenho condições de aprovar. Diz que o Kennedy falou para ele (ele me falou isso no Uruguai): - olha aqui, o senhor não tem condição? Porque realmente esse pessoal é impossível, é mais uma opção para eles ganharem. Porque o senhor não compra mesmo e o senhor pode contar comigo. Aí o Jango voltou para o Rio, tranquilo, achando que... Aí mataram o Kennedy.

Renato Bastos: Tem muita gente que diz que o Jango poderia ter resistido lá no sul, com Brizola...

Fernando Gasparian: Não conseguiu fazer a greve! Ele era inteiramente a favor, dava força, dinheiro, corrompeu até demais esse pessoal da área sindical.

Um saco o pessoal que ia lá falar com ele: - resiste presidente, resiste!

[despedida e comentário sobre a entrevista à Caros Amigos]

Renato Bastos: Tem uma parte que ela fala: com a palavra a Burguesia Nacional!

Fernando Gasparian: [risos] eu não sou a burguesia! Tem muita pouca gente no Brasil preocupado, a maior parte das pessoas quer ficar. Tem uma frase muito boa que o velho Zé Ermírio usou e ele me deu uma vez que fui lá na Câmara depor. O Presidente Wilson, americano, fez a cabeça dele porque ele estudou nos Estados Unidos e voltou nacionalista como os americanos da época que ele estudou lá, em 1910, 12, 14. Foi a época que os americanos compraram tudo que os europeus tinham feito lá. Nacionalizaram tudo. As empresas

MOURO

ISSN 2175-4837

americanas compraram tudo, acabaram com o capital estrangeiro lá e o país ficou um grande país. Então, o Presidente Wilson dizia mais ou menos o seguinte: - *o medo está fora da América livre, porque nós temos no nosso país pessoas que não hesitam de defender sérias mulheres, apesar de que com isso, elas sabem que vão perder todo o apoio que precisam para o sucesso dos seus negócios.* Os empresários. Aqui as pessoas fazem puxando o saco do parceiro, só para verem se conseguem o sucesso dos seus negócios, se não, o cara não consegue não.

* * *